Aprendizagem histórica nas narrativas sobre a nação

Giuvane de Souza Klüppel (PIBIC), Luis Fernando Cerri (Orientador), e-mail: giuvane_sk@hotmail.com e-mail do orientador: lfcronos@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História

História, Teoria e Filosofia da História

Palavras-chave: Ensino de História, Didática da História, Consciência Histórica

Resumo

Com essa pesquisa buscamos melhor compreender de que maneira jovens pontagrossenses de idade entre 15 e 17 anos narram a história do Brasil. Essas narrativas foram coletadas nas turmas de terceiro ano do Instituto de Educação Professor César Prieto Martinez no ano de 2018 através de questionários de caráter qualitativo que continham para além de informações básicas de identificação como sexo, data de nascimento, religião, renda familiar e pertencimento étnico-racial, uma consigna a ser respondida da maneira que os alunos achassem mais pertinente: “por favor, conte a história do seu país”. Para análise sistematizamos os dados coletados a partir de dois softwares de uso livre seguindo a metodologia de Silva et al. (2016; 2017). A estrutura narrativa, os eventos, personagens e conceitos evocados no interior do conjunto de narrativas foram elementos levados em conta durante a análise. Como resultados trazemos um panorama sobre como estes jovens redigem a história do Brasil. É notável nesse conjunto de narrativas a ênfase dada à história colonial e à naturalização de estigmas, narrativas e grupos de poder.

Introdução

O contato com o passado acontece muito antes do ensino de História escolar. Diversos grupos e espaços estão em constante conflito pra definir uma narrativa histórica dominante. O Estado têm, historicamente, buscado propagar sua própria narrativa com objetivo de manter a coesão nacional interna. A escola é um dos principais espaços por onde as ideologias construída pelo Estado nacional são postas a se reproduzir perante os cidadãos constituintes desse grupo. Um passado comum com fatos, heróis e cenários comuns que direcionam ao grande protagonista: o Estado; este é o pacote embalado em prol da identidade nacional que está presente também em festas e totens cívicos, nas mídias e nas artes.

Como é que, diante desse cenário, os alunos se relacionam com a história nacional? Há uma aproximação ou um afastamento com relação à história escolar-acadêmica embasada? Quais são os elementos evocados e mais repetidos em narrativas sobre

a história do Brasil? Esse foram os questionamentos que tentamos responder no decorrer desta pesquisa que fez seu estudo através das respostas dadas por alunos do terceiro ano do ensino médio do Instituto de Educação Professor César Prieto Martinez a um questionário contendo a seguinte consigna “por favor, conte a história de seu país”. Ao todo 104 questionários foram coletados e sistematizados seguindo a metodologia do professor Edson Armando Silva et al. (2016; 2017).

Materiais e Métodos

O material utilizado para a análise proposta nessa pesquisa foram os questionários coletados com os alunos do ensino médio regular em idade escolar. Para a análise das narrativas empregamos o método de análise mencionado nas linhas acima. Procedimentos realizados a partir de dois *softwares* de uso livre, o *OpenRefine* e o *Gephi*, nos ajudaram a sistematizar as narrativas e ter uma visão geral, dentre outros elementos, das palavras e termos evocados pelos alunos, além de saber a frequência e a relevância que elas possuem no interior do conjunto das redações.

Resultados e Discussão

O primeiro panorama de análise é a partir da mensuração da frequência de utilização de determinadas palavras. No montante das narrativas vemos a evocação de nomes como “pedro_alvares_cabral”, “dom_pedro_i”, “dom_pedro_ii” e “getúlio_vargas”, aparecendo mais de 90 vezes; classificações como “brasil_colônia”, “brasil_império”, “brasil_república” ou então simplesmente “colônia”, “império” e “república”, ou ainda seus derivados, como “colonial”, ou subdivisões como “republica_velha”, “ditadura_militar” se repetem mais de 70 vezes; marcos, eventos e datas, como “lei_áurea”, “1888”, “vinte_e_dois_de_abril”, ou então “colonização” e “independência” afora palavras que remetem a fatos, como “proclamou” aparecem mais de 300 vezes. Apenas com base nesse conjunto já podemos visualizar a tendência geral de construção de uma história fortemente factual, centrada em personagens e marcos específicos.

Em contraponto, grupos marginalizados da história como “negro”/“negros”, aparece 17 vezes; “mulher”/“mulheres” se repete apenas 3 vezes, e, como personagens femininos as únicas que tem espaço são “dilma”, “catarina” e “princesa_isabel” se repetindo 5 vezes no conjunto das 104 respostas coletadas, existindo ainda 1 alusão à “presidenta” que em contraposição às 12 utilizações da palavra no masculino quase desaparece. Personagens negros ou que tenham relevância para o movimento negro não têm espaço dentro dessas narrativas. Se nos atentarmos ao perfil dos participantes da pesquisa, porém, 60 do total de 104 participantes, são mulheres, e, das 65 pessoas que responderam a questão sobre o pertencimento étnico-racial (pois era optativa, a ser respondida somente se os participantes se

sentissem à vontade) 27 se denominaram negros, mulatos, pardos ou afrodescendentes, uma quantidade expressiva em ambos os casos.

A exceção no caso dos grupos maioria-minoria é com relação a "índio" e seus derivados como "indígenas", que se repete quase 200 vezes, mas isso pode ser explicado pela forte tendência de relacionar a história do Brasil apenas com seus primeiros anos, o "descobrimento", raras vezes indo além do "Brasil colonial".

A tendência de relacionar a história do Brasil majoritariamente à história da colonização pode ser visualizada quando vemos a frequência da utilização de palavras específicas como "1500", "pedro_alvares_cabral", "descoberto", "pau_brasil", "colonização", "colonizado" e "colônia", que somadas se repetem 222 vezes, sem considerar as palavras que tem o mesmo significado mas terminação e gênero diferente ou então que estão no plural. Aliás, quanto mais avançamos no tempo, menor é a visibilidade dentro das narrativas, para termos uma noção, fazendo uma divisão da história em colônia, império e república, podemos calcular que, das utilizações de personagens 55% se refere aos coloniais, 22% aos imperiais e 17% aos republicanos; no tocante aos eventos, datas e marcos, 76% são condizentes ao período colonial, 57% ao imperial e apenas 6% ao republicano. Essa lógica se inverte apenas no que diz respeito às classificações, sendo 21 relacionados ao Brasil colônia, 29% ao império e 28% à república, com uma singularidade que é quanto à ditadura, tendo 20% das chamadas.

Outro sentido que podemos visualizar com o exame da frequência é com relação ao estabelecimento da identidade dos alunos para com o passado histórico das *terras brasilis*. Essa identidade, anacrônica em espaço e tempo é estabelecida através do binômio nós x eles, e podemos constatá-la ao averiguar a utilização da primeira e da segunda pessoa do plural, nós e eles, referindo-se respectivamente à identidade do narrador, e ao diferente. Não se atendo aos verbos, mas apenas ao sujeito, vemos que a palavra "eles" se repete mais de 50 vezes, enquanto "nós" e ainda "nosso", "nossa" e demais pronomes possessivos da primeira pessoa do plural, ao menos 35 vezes.

Conclusões

Do empregado nessa análise, categorias como cronologia, sentidos adotados, formas de geração de sentido, temas conjurados, podem ser confirmados para emprego de conjunto de termos e para enquadrar determinados conteúdos no sentido de trazer algum retorno à prática do ensino de história. As minorias, por exemplo, por mais que sejam tema de interesse da historiografia nos últimos anos, e que as editoras de livros didáticos os tenham inserido no conteúdo de seus livros por conta de políticas públicas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ainda é marginalizado no relato dos alunos. Outra questão é a relação anacrônica

que é estabelecida pelos alunos entre a história do Brasil e os primeiros momentos da colonização estabelecida pelos europeus nos territórios americanos, que em nenhuma instância se configuravam enquanto um Estado-nação moderno e que assim é construída na narrativa dos jovens.

Diante disso podemos concluir a partir do material analisado por nós que os alunos se relacionam muito mais a uma história mais tradicional, irrefletida, que continua servindo de propagação da nacionalidade a partir de seus heróis e eventos marcantes para a construção do Estado nacional, afastando-se do que Rüsen (2007, p. 48-63; 2010, p. 61-71) chama de uma reflexão histórica baseada numa consciência histórica crítico-genética na medida em que reproduzem tanto a história "oficial" quanto seus estigmas, como a exclusão de determinados grupos e eventos em detrimento de outros ou então a identificação anacrônica à nacionalidade.

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) pela concessão da bolsa; ao Instituto de Educação Professor César Prieto Martinez e em especial ao professor Maury por ceder o espaço para que a pesquisa se viabilizasse e ao professor Dones Janz por contribuir nesse processo; ao meu orientador, o professor Luis Fernando Cerri por nortear esse empreendimento; à minha família pelo apoio e o investimento nos meus estudos; e aos meus amigos pelas conversas, discussões e descontrações.

Referências

RÜSEN, Jörn. História Viva: teoria da história III – formas e funções do conhecimento histórico. Editora Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral Em: BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão Rezende, SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 51-77.

SILVA, Edson Armando; ALMEIDA, João Paulo Leandro de; SILVA, Joseli Maria; CAMPOS, Mayã Polo de. Técnicas de Análise de Conteúdo: Experiências de Pesquisas Desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Territoriais. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 401-425, ago./dez. 2017.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria. Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 132-154, jan./jul. 2016.